

## DEFININDO UM OPERADOR-MONSTRO

Lovania Roehrig TEIXEIRA \*

Renato Miguel BASSO \*\*

- **RESUMO:** O presente artigo revê a literatura relacionada a um tipo particular de operador, supostamente presente em línguas naturais, chamado de “operador-monstro”. Esse operador tem a característica de poder mudar o contexto de avaliação de itens indexicais sob seu escopo. Sua existência foi inicialmente negada por Kaplan (1989), em seu famoso texto sobre a semântica dos itens indexicais, e, posteriormente, autores como Schlenker (2003) e Anand (2006) argumentaram que tais operadores de fato existem em línguas naturais, com base tanto em dados de línguas indo-europeias quanto de outras famílias linguísticas. Contudo, analisando com cuidado a literatura, é possível notar, nos vários autores que se debruçaram sobre o tema, diferentes definições desse operador. Neste artigo, após apresentar o conceito de operador-monstro conforme postulado por Kaplan (1989) e defender sua existência com base em dados do português brasileiro (PB), argumentamos a favor de uma definição para esse operador que seja ampla, nas linhas daquela primeiramente proposta por Kaplan (1989). Os dados do PB serão cruciais para defender nossa posição.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Semântica. Indexicais. Operadores-monstros. Mudança de contexto.

### Introdução

A teoria sobre indexicais (termos que englobam os assim chamados “dêiticos”) de David Kaplan (1989) é certamente a teoria mais influente sobre esses itens nos estudos sobre a semântica das línguas naturais, tanto na linguística quanto na filosofia. Com sua teoria, Kaplan dá conta, de modo abrangente e elegante, de termos cujo tratamento por sistemas formais parecia impossível, explicando uma grande quantidade de fenômenos com o mesmo arcabouço teórico.

Apesar do sucesso de sua teoria, ela não é, obviamente, isenta de críticas, as quais têm como alvo as explicações de Kaplan, o escopo de sua teoria, sua arquitetura e alguns de seus postulados. Neste artigo, nosso objetivo é justamente investigar uma das principais críticas feita ao modelo de Kaplan – sua tese proibindo a existência, nas línguas naturais, de um operador específico, apelidado pelo autor

---

\* UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre - RS - Brasil. 91501-970 - lovania.teixeira@ufrgs.br.

\*\* UFSCar - Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Letras. São Carlos - SP - Brasil. 13565-905 - rmbasso@gmail.com

de “monstro”<sup>1</sup>. Em seu texto de 1989, Kaplan argumenta que não existe, nas línguas naturais, tal operador, e que é possível construí-lo apenas em linguagens formais. Nas décadas seguintes, estudando línguas pouco compreendidas e olhando com mais cuidado para línguas já bem descritas, diversos autores criticaram a afirmação de Kaplan, dizendo que, de fato, há operadores-monstros nas línguas naturais. Contudo, ao fazer isso, a grande maioria dos pesquisadores alterou a definição de operador-monstro oferecida por Kaplan. Neste artigo, argumentaremos que (i) realmente há operadores-monstros nas línguas naturais e (ii) a melhor definição para esse tipo de operador é ainda aquela oferecida por Kaplan e não as mais recentemente encontradas na literatura. As razões para tanto serão expostas ao longo do presente texto.

Para cumprirmos nosso objetivo, este texto organiza-se como segue: inicialmente, apresentamos os contornos gerais da teoria de Kaplan e sua tese contra operadores-monstros em línguas naturais; em seguida, segundo os dados de Schlenker (1999, 2003, 2011), Anand (2006), Predelli (2008), Basso e Teixeira (2011) e Teixeira e Basso (2013), argumentamos a favor da existência de operadores-monstros nas línguas naturais; na seção posterior, confrontamos as diferentes acepções de operadores-monstros e defendemos aquela oferecida por Kaplan, principalmente por ela ser mais abrangente; finalmente, na conclusão, retomamos o percurso aqui feito e as teses defendidas.

## **Kaplan e os indexicais**

A abordagem de Kaplan (1989) para os indexicais se fundamenta em duas concepções principais: a teoria da referência direta<sup>2</sup> e a ideia de que os indexicais são designadores rígidos (KRIPKE, 1980). Inicialmente, vamos apresentar como essas concepções se encaixam na teoria kaplaniana, e, na sequência, detalhar outros dois pontos importantes – como é o contexto nessa teoria e como atuam as duas funções, introduzidas por Kaplan, para a determinação do significado das expressões linguísticas, incluindo as expressões indexicais.

Kaplan (1989) afirma que os indexicais são termos diretamente referenciais. Desse modo, a contribuição proposicional de um indexical é uma entidade, sem nenhuma propriedade ou descrição associada a ela. Assim sendo, uma sentença como (1), proferida por João, expressa uma proposição estruturada<sup>3</sup> como (1a), formada por um indivíduo e um predicado.

---

<sup>1</sup> Um operador-monstro é todo operador que muda o contexto de fixação do valor de um indexical. Na seção seguinte, apresentaremos em detalhes como é e como funciona tal operador.

<sup>2</sup> A ideia de referência direta é atribuída a Kaplan e encontra-se originalmente numa troca de correspondência entre ele e Kripke no final da década de 1970.

<sup>3</sup> *Grosso modo*, proposições estruturadas são entidades complexas (possuidoras de partes ou constituintes) e seus constituintes se relacionam de alguma maneira. Geralmente, são representadas através de ênuplas.

- (1) **Eu** tenho livros de Semântica.  
(1a) <João, ter-livros-de-Semântica><sup>4</sup>

Os indexicais são designadores rígidos na teoria de Kaplan por serem diretamente referenciais. Ser designador rígido, nesse caso, é o mesmo que dizer que o referente do indexical “eu”, João em (1a), não varia com os mundos possíveis<sup>5</sup>. Nesse sentido, o referente de “eu” só pode variar se houver mudança no contexto (de proferimento) relevante<sup>6</sup>. Em relação a esse aspecto, de acordo com a teoria kaplaniana, os indexicais se distinguem, por exemplo, das descrições definidas, pois os referentes dessas construções mudam de acordo com os mundos possíveis relevantes.

- (2) **O namorado da Maria** tem livros de Semântica.

Em (2), o referente da descrição definida pode covariar com os mundos possíveis: em w1 a descrição pode se referir ao João, em w2 ao Pedro, em w3 ao Lucas e assim por diante. Esse comportamento mostra que as descrições definidas não são designadores rígidos.

Os indexicais têm seu valor semântico determinado em relação aos contextos de uso. Sendo assim, numa sentença como (3), abaixo, chegamos ao referente do indexical “eu” porque identificamos o indivíduo que proferiu a sentença (o agente do contexto, em termos kaplanianos). Junto com o contexto de uso, deve ser determinado o mundo de avaliação segundo o qual a sentença será avaliada em termos de condições de verdade. Por exemplo, se (3) foi proferida por João, no contexto c1 e no mundo possível w1, enquanto conversava com Pedro, podemos afirmar que a sentença (3) é verdadeira em c1 e em w1. No entanto, se Pedro proferir a mesma sentença logo depois de João, apesar de estarmos considerando o mesmo mundo possível w1, teremos outro contexto sendo considerado, *i.e.*, c2. A sentença que foi proferida por Pedro é verdadeira, por sua vez, no contexto c2 e no mundo w1.

---

<sup>4</sup> Usamos, aqui e ao longo do texto, representações com proposições estruturadas (ênuplas de elementos) em que constam os constituintes das proposições para os quais queremos chamar atenção. Fazemos isso baseados em Kaplan (1989, p.494), pois as proposições estruturadas são usadas pelo filósofo como um instrumento heurístico e, nesse caso, não se deve pensar em “*propositions as sets of possible worlds, but rather as structured entities looking something like the sentences which express them*”. Desse modo, a apresentação em forma de proposição estruturada serve, simplesmente, para representar, de modo organizado, os elementos formadores da sentença, por exemplo, distinguindo os elementos diretamente referenciais (indexicais, nomes próprios, etc.) dos demais. No entanto, é preciso atentar que Kaplan (1989) deixa claro que a concepção de proposição estruturada não faz parte do aparato formal de sua teoria; as proposições são sempre funções de mundos para valores de verdade.

<sup>5</sup> Segundo Kripke (1980), um termo é rigidamente referencial se ele se refere a um mesmo indivíduo em todos os mundos em que esse indivíduo existe e não possui referente nos mundos em que esse indivíduo não existe.

<sup>6</sup> Como veremos, na sequência, diferentemente dos demais itens linguísticos, os indexicais têm seus valores fixados por um contexto, conforme definido no âmbito da teoria.

(3) **Eu** sou homem.

As sentenças proferidas por Pedro e por João compartilham o mesmo mundo possível ( $w_1$ ), mas não o mesmo contexto. Esse exemplo simples mostra que se somente mundos possíveis fossem considerados, teríamos problemas para definir o referente do indexical “eu” em cada situação: como poderíamos decidir sobre o referente dos indexicais proferidos por falantes diferentes?

A resposta é: precisamos de algo mais refinado do que mundos possíveis e, assim, chegamos ao conceito kaplaniano de contexto. Em Kaplan (1989), contextos são concebidos formalmente como uma ênupla de coordenadas, tais como: agente (ou falante), ouvinte, local, tempo e mundo possível, *i.e.*,  $\langle c_a, c_h, c_l, c_t, c_w \rangle$ <sup>7</sup>. É preciso ressaltar que, para Kaplan, o contexto relevante para o estabelecimento da referência dos indexicais é sempre o contexto de proferimento da sentença, que notaremos de agora em diante como  $c^*$ .

Tendo em vista que os contextos são elementos mais finos do que os mundos possíveis, para cada contexto só pode haver um mundo possível; por sua vez, um mundo possível pode conter mais de um contexto, como foi exemplificado para o caso de (3). Assim, só se considerarmos as diferenças nos contextos de uso/proferimento de (3) conseguiremos determinar o referente de cada indexical. Após observar que são necessárias estruturas como contextos numa teoria para indexicais e, além disso, que contextos são compostos por coordenadas, Kaplan propôs duas funções, “caráter” e “conteúdo”, para determinar o significado dos itens linguísticos, entre eles os indexicais.

O caráter é concebido então como uma função que toma como *input* um contexto e produz um conteúdo como *output*; nessa teoria, o caráter atua num nível pré-proposicional. Por sua vez, o conteúdo toma um mundo possível (e um tempo) como *input* e gera um valor semântico; o conteúdo é o valor proposicional. Com base nesses conceitos, vamos analisar a sentença em (4).

Considerando (4) e estabelecendo como contexto de proferimento  $c^* = \langle c_a = \text{Frida}, c_h = \text{João}, c_l = 2013, c_t = \text{sala do café}, c_w = w^{*8} \rangle$ , chegaremos ao caráter e ao conteúdo a seguir:

---

<sup>7</sup> Essa ênupla pode ser aumentada para incluir objetos presentes no contexto, para dar conta dos demonstrativos.

<sup>8</sup> O asterisco sobrescrito em  $w$  faz referência ao mundo que habitamos, e  $c^*$ , como vimos, faz referência ao contexto de proferimento. Assumimos que o mundo do contexto de proferimento ( $c_w$ ) é o mundo em que o falante está; o mundo em que a sentença é avaliada (*i.e.*, o mundo possível usado no conteúdo) é o mundo do contexto (*i.e.*,  $c_w$ ). Desse modo, avaliamos as condições de verdade de uma sentença, em princípio, em relação a um contexto e em relação ao mundo desse contexto.

(4) S = **Eu** estou **aqui**.<sup>9</sup>

Caráter (S) =  $\lambda c \lambda w [c_a \text{ está em } c_1] (c) (w)$

Conteúdo (S) = [Caráter (S)] (c) (w) ( $\rightarrow$  considerando  $c^*$  e  $w^*$ ):

=  $\lambda c \lambda w [c_a \text{ está em } c_1] (c^*) (w^*)$

=  $\lambda w [\text{Frida está na sala do café}] (w^*)$ <sup>10</sup>

Levando em conta as definições acima, o caráter de (4) é igual ao agente do contexto estar na localização do contexto. No entanto, para determinarmos o significado completo das expressões indexicais de (4), falta definir o conteúdo. Assim sendo, o conteúdo de (4) é o caráter (o agente do contexto estar na localização do contexto) em relação a um mundo possível (e um tempo), o que gera um valor semântico (nesse caso, um valor de verdade). Portanto, o conteúdo de (4), no contexto  $c^*$  em que o caráter foi definido, é o conjunto de mundos em que Frida está na sala do café.

De acordo com Kaplan (1989), operadores podem atuar somente sobre o conteúdo dos itens linguísticos, indexicais ou não; esse é o caso de operadores modais, como “possivelmente” e “necessariamente”. Considere a sentença (5):

(5) Necessariamente **eu** estou **aqui**.

Essa sentença é verdadeira se e somente se em todos os mundos possíveis  $w$ , acessíveis a partir de  $c_w$ ,  $c_a$  (o agente do contexto) está em  $c_1$  (o lugar do contexto). Se aplicarmos o contexto de proferimento já definido acima ( $c^*$ ) a (5), o resultado é, *grosso modo*:

(6) Necessariamente, **Frida** está **na sala do café**.

Uma sentença que é verdadeira se e somente se em todos os mundos possíveis  $w$ , acessíveis a partir de  $c_w$ , Frida está na sala do café. Com essa teoria, é possível capturar a diferença entre sentenças como “Necessariamente eu estou aqui” e “Eu estou aqui” – a primeira delas não é verdadeira *a priori*, pois seu valor depende dos mundos de avaliação considerados, ao passo que a segunda é verdadeira *a priori*, pois seu valor independe do mundo de avaliação e é verdadeira em todos os contextos.

---

<sup>9</sup> A formalização oferecida tem por objetivo apenas ilustrar o papel do caráter e do conteúdo, juntamente com sua interação com o contexto e o mundo possível relevante. Tal formalização, obviamente, deixa de fora uma série de detalhes (como o(s) lugar(es) em que aparecem o mundo possível e o contexto), mas cumpre o objetivo de discriminar os passos da composição semântica.

<sup>10</sup> Note que a variável de contexto  $c^*$  não consta na última linha da representação, porque, assim que o contexto relevante ( $c^*$ ) atribui os valores da função caráter aos indexicais “eu” ( $c_e$ ) e “aqui” ( $c_a$ ), passa-se a calcular o conteúdo da sentença que é uma função de mundos para valores semânticos. Desse modo, nessa altura, somente o mundo relevante permanece na representação, que é o responsável pela atribuição do valor semântico à fórmula.

Conforme adiantamos, Kaplan (1989, p.511) afirma que os operadores das línguas naturais, aqui incluídos os verbos de atitude proposicional, atuam somente sobre o conteúdo dos indexicais, pois apenas conteúdos são encontrados sob o escopo desses elementos. Isso leva a crer que não há operadores “*which attempt to meddle with the character*”; tais operadores, inexistentes em línguas naturais segundo Kaplan, são os operadores-monstros. O filósofo é ainda mais radical e afirma que operadores que operam sobre caracteres só são encontrados em línguas formais: “[...] *no operator can control the character of the indexicals within its scope, because they will simply leap out of its scope to the front of the operator. I am not saying we could not construct a language with such operators [...]*” (KAPLAN, 1989, p.510).

Na seção seguinte, apresentaremos os argumentos usados por Kaplan para sustentar sua posição quanto aos operadores-monstros.

### **Kaplan: monstros não existem em língua natural**

Kaplan (1989) considera que nas línguas naturais só há operadores intensionais, que atuam sobre a função de mundos possíveis para valores semânticos (*i.e.*, o conteúdo). Para mostrar que de fato esse é o caso e que, portanto, não há operadores sobre caracteres, Kaplan utiliza um operador similar a “em alguns contextos é verdade que” que, em tese, ao prefixar uma sentença, atua sobre o caráter dos indexicais em seu escopo. O exemplo sugerido pelo autor é:

(7) *In some contexts it is true that I am not tired now.*

Supondo que o operador em questão de fato atue sobre o caráter dos indexicais, (7) deveria ter uma leitura em que ela é verdadeira se, em algum contexto, a sentença encaixada, “*I am not tired now*”, expressar um conteúdo que é verdadeiro no mundo do contexto. Sendo assim, para (7) ser verdadeira no contexto de proferimento  $c^*$ , basta que algum agente de algum contexto (mas não o contexto de proferimento) não esteja cansado no tempo do contexto (mas não no contexto de proferimento). A sentença (7) claramente não apresenta a leitura sugerida, e esse fato corrobora a ideia de Kaplan de que operadores que atuam sobre o caráter dos indexicais não existem em línguas naturais, pois operadores só mantêm conteúdos sob seu escopo, e nunca caracteres.

As mesmas observações, considerando (8), valem para o PB:

(8) Em algum contexto é verdade que eu não estou cansado agora.

Deveríamos esperar que a sentença (8), dita por João às 14h, fosse verdadeira se, por exemplo, fosse verdade que Pedro não estivesse cansado às 20h<sup>11</sup>; tal interpretação, claramente, é inexistente.

Em resumo, Kaplan considera que nem mesmo uma construção tão explícita quanto “em algum contexto é verdade que” pode mudar o valor de um indexical, e em consequência conclui que operadores que possam fazer isso – que seriam os monstros – não existem em línguas naturais. Antes de mais nada, é interessante notar que a concepção de operador-monstro de Kaplan é bem ampla – para ser considerado um monstro, basta que um dado operador interfira no contexto no qual um indexical é avaliado.

No entanto, como adiantamos, alguns autores identificaram lacunas em sua teoria ao (i) analisar línguas não indo-europeias e (ii) fenômenos que envolvem indexicais não analisados por Kaplan<sup>12</sup>. As reformulações propostas por esses autores, em relação a esses aspectos da teoria kaplaniana, serão detalhadas nas seções seguintes.

## **Evidências de que as línguas naturais têm monstros**

Nesta seção, apresentaremos evidências a favor da ideia de que há monstros nas línguas naturais através de casos em que verbos de atitude<sup>13</sup> podem ser seguidos por caracteres. Feito isso, nas seções seguintes, vamos expor dados e definições fornecidos por alguns autores que analisaram indexicais em diferentes línguas; mais adiante, discutiremos as concepções de operador-monstro apresentadas por eles.

## **O papel dos verbos de atitude na teoria dos monstros**

Os verbos de atitude têm um papel importante na teoria dos indexicais, especificamente na argumentação a favor dos monstros, pois afetam duas concepções de Kaplan (1989): (i) não há operadores sobre os caracteres dos indexicais e (ii) em discurso indireto só é possível reportar o conteúdo dos indexicais (a previsão do autor para o discurso indireto); na verdade, (i) decorre

---

<sup>11</sup> Pedro seria o “eu” ( $c_e$ ) e 20h o “agora” ( $c_a$ ) de um contexto diferente daquele em que João profere (8), ou seja, o “eu” e o “agora” recebem um valor em um contexto diferente daquele em que a sentença é proferida e, assim, “eu”, em vez de ser João, é Pedro, e “agora”, em vez de ser 14h, é 20h.

<sup>12</sup> De fato, em seu longo texto, de quase 100 páginas (481-563), Kaplan (1989) dedica um único exemplo e cerca de duas páginas (510-512) para argumentar a favor da inexistência de monstros.

<sup>13</sup> Na verdade, apesar da argumentação levar em conta os chamados “verbos de atitude proposicional” e os “verbos *dicendi*”, vamos nos concentrar somente nesses últimos e, assim, o rótulo “verbos de atitude” deve englobar essas duas categorias.

de (ii). Nesta seção, mostraremos como um operador, *i.e.*, o verbo de atitude, pode, sim, vir seguido pelo caráter de um indexical. Em virtude disso, é possível que o caráter dos indexicais (do discurso direto) seja mantido em discurso indireto – fenômeno negado pela teoria de Kaplan. O argumento contra a teoria do discurso indireto de Kaplan é fundado nos casos de relatos de atitudes *de se* e a discussão que apresentamos aqui é firmada em Schlenker (2003, 2011).

Os aspectos reformulados por Schlenker (2003, 2011) dizem respeito tanto à afirmação de que operadores de atitude mantêm apenas conteúdos sob seu escopo quanto à afirmação de que não há indexicais com o caráter modificado e, por consequência, operadores-monstros em língua natural. Nesta seção, nos preocuparemos em discutir somente o primeiro aspecto, o outro será abordado nas seções seguintes, que trazem as análises de Schlenker e de outros autores.

Vejamos, inicialmente, os argumentos usados por Kaplan para defender que apenas conteúdos são encontrados no escopo de operadores de atitude, para depois vermos os contra-argumentos colocados a essa tese.

A fim de provar que em língua natural não é possível encontrar operadores mantendo caracteres sob seu escopo (e, por isso, esses operadores nunca poderiam modificar o caráter desses itens), Kaplan afirma que sempre que uma sentença contendo indexicais for reportada, a parte do significado que diz respeito ao caráter se perde, mantendo-se somente o conteúdo no relato. Isso parece ser o que acontece com o par (9) e (10), considerando que (10) reporta (9).

(9) **Eu** não sei como pintar um quadro [dito por João].

(10) **O João**<sub>1</sub> disse que **ele**<sub>1</sub> não sabe como pintar um quadro [dito por Maria].

Ao reportarmos uma sentença como (9), a informação que diz respeito ao caráter do indexical “eu” = “ser agente do contexto” não está mais presente no discurso indireto. Mais do que isso, em (10) não aparece o indexical “eu”, o que temos é o seu conteúdo (indivíduo), representado pelo pronome anafórico (ele) que remete ao referente do nome João – o valor semântico de “eu” em (9). Em outras palavras, a proposição (*i.e.*, conteúdo) expressa por (9) e pela sentença encaixada em (10), no contexto relevante, é a mesma, mas os caracteres de (9) e da sentença encaixada em (10) são claramente diferentes:

Conteúdo de (9) e da sentença encaixada em (10):

(9a) ⟨João, não-saber-pintar-quadro⟩.

(10a) ⟨Maria, dizer ⟨João, não-saber-pintar-quadro⟩⟩.

Caráter de (9) e da sentença encaixada em (10):  
(9b) <agente do contexto, não-saber-pintar-quadro>.  
(10b) <Maria, dizer <objeto apontado pelo falante<sup>14</sup>, não-saber-pintar-quadro>>.

Se a sentença encaixada em (10) tivesse o mesmo caráter que (9), representado em (10c), a proposição expressa seria como em (10d):

(10c) <Maria, dizer <agente do contexto<sup>15</sup>, não-saber-pintar-quadro>>.  
(10d) <Maria, dizer <Maria, não-saber-pintar-quadro>>.

O que claramente não funciona como um relato de (9). Logo, conclui o autor, sob verbos de atitude há apenas o conteúdo do que for reportado e nunca o caráter.

Uma situação mais sofisticada do que essa é apresentada por Kaplan (1989) para comprovar o mesmo ponto. Considere uma adaptação do exemplo do autor:

(11) **Situação:** o João está num restaurante e vê, no monitor em que são exibidas as imagens das câmeras de segurança, um homem que está com as calças pegando fogo. O primeiro pensamento do João é dado pela sentença (11a). Após alguns segundos, João percebe que aquele homem no monitor é ele mesmo. Nesse momento, o seu pensamento é dado pela sentença (11b).

(11a) As calças **dele** estão pegando fogo.  
(11b) As **minhas** calças estão pegando fogo.

Nesse caso, (11a) e (11b) afirmam o mesmo sobre o mundo, ou seja, o conteúdo de ambas é equivalente a <calças-de-João, estar-pegando-fogo>. No entanto, elas têm caracteres diferentes, pois em (11b) o contexto do proferimento gera a informação de que as calças do falante estão pegando fogo, ao passo que em (11a) o contexto e uso do demonstrativo indicam que a pessoa para a qual se aponta está na situação descrita, ou seja, o caráter aqui (em prosa) é algo como “as calças do *demonstratum* estão pegando fogo”. O mais importante a se notar sobre a situação em (11) é que ao reportar (11a) ou (11b) utilizamos a mesma sentença, dada em (11c).

(11c) O João pensa que as calças dele estão pegando fogo.

---

<sup>14</sup> Aqui, consideramos “ele” como um dêitico que tem um funcionamento semelhante em contextos anafóricos, ou seja, remete àquilo que o falante aponta (seja no contexto físico, seja no entorno textual). O ponto importante, contudo, é que “ele” não tem o mesmo caráter que “eu”.

<sup>15</sup> Aqui, como nos outros casos, o único contexto que, segundo Kaplan, pode ser usado para fixar o valor de um indexical é o contexto de proferimento e, por isso, (10c) resulta em (10d).

Esses fatos levam Kaplan (1989) a afirmar que operadores de atitudes, como “pensar”, operam somente sobre conteúdos, porque se eles operassem sobre caracteres a situação em (11) seria reportada por sentenças diferentes, já que (11a) e (11b) têm caracteres diferentes. Logo, argumenta Kaplan, o caráter dos indexicais, veiculado no discurso direto, não se mantém no discurso indireto.

No entanto, a generalização sobre a incapacidade de operadores, como os de atitude, de operarem sobre os caracteres dos indexicais se mostra precipitada. Isso é mostrado por Schlenker (2003, p.61), por meio de exemplos como (12):

(12) **Situação:** João está tão bêbado que esqueceu que é candidato a prefeito nas eleições municipais. Ele assiste ao horário eleitoral na televisão e um candidato chama a sua atenção. Para João, aquele homem deveria ser eleito, pois parece comprometido e tem bons projetos. No entanto, João está assistindo a ele mesmo, mas ele não percebe isso devido à sua embriaguez.

(12a) João espera que **ele** seja eleito.

(12b) João espera PRO<sup>16</sup> ser eleito.

De acordo com a situação em (12), a sentença que melhor reporta o pensamento de João é (12a), pois, ao não se reconhecer na televisão, o pensamento do João se dá em relação a outra pessoa (nesse caso, temos uma leitura *de re*<sup>17</sup>). O relato em (12b) só é adequado para uma situação em que João tivesse um pensamento como (12c) (nesse caso, uma leitura *de se*<sup>18</sup>).

(12c) **Eu** deveria ser eleito.

As duas sentenças que relatam o pensamento do João, (12a) e (12b), possuem o mesmo conteúdo que, *grosso modo*, pode ser representado como “João espera ⟨João, ser-eleito⟩”. No entanto, temos dois caracteres diferentes em jogo, que são

---

<sup>16</sup> PRO é o sujeito não pronunciado de uma oração infinitiva sob uma estrutura de controle (encaixada). Schlenker (2011, p.1575) deixa claro que “[...] the *De Se* analysis crucially posits that PRO *is not* bound by [sujeito] *John*” em sentenças como (12b) e que as observações que ele faz em relação a PRO não acarretam nada sobre a indexicalidade dessa estrutura, *i.e.*, não há razão para tratar PRO como um indexical. O único aspecto importante envolvendo o uso de estruturas PRO em sentenças como (12b) é que elas, sob o escopo de verbos de atitude, sinalizam a possibilidade de que os caracteres dos indexicais sejam encontrados, o que evidencia uma leitura *de se*. Desse modo, há evidências de que os caracteres das expressões linguísticas (não só dos indexicais!) podem ser encontrados no escopo de verbos de atitudes e, por isso, podemos encontrar monstros em línguas naturais (contra a concepção de Kaplan, 1989).

<sup>17</sup> *De re*, do latim, “da coisa”; uma atitude *de re* é exemplificada na sentença “Aníbal acredita, acerca de alguém, que ele é um espião português”. Essa sentença atribui ao indivíduo Aníbal a crença sobre uma pessoa particular (*res*) de que essa pessoa é um espião. (BRANQUINHO, MURCHO; GOMES, 2006, p.226-227).

<sup>18</sup> O termo *de se* foi cunhado por Lewis (1979). Os autores que mais estudaram e discutiram os problemas advindos desse gênero de atribuições mentais, que constitui um dos tópicos mais desafiadores para linguistas e filósofos, foram David Lewis, John Perry e Hector Neri-Castañeda (BRANQUINHO, MURCHO; GOMES, 2006).

os responsáveis pela adequação, ou não, das sentenças à situação: (i) o caráter de uma leitura *de re*: “João espera [ $\lambda w$ (indivíduo apontado, ser-eleito) ( $w$ )]”; e (ii) o caráter de uma leitura *de se*, “João espera [ $\lambda w$  ( $c_a$ , ser-eleito)( $w$ )]”.

A situação em (12) implica que (12a) é apropriada para o caso do candidato que não se reconhece no programa eleitoral e deseja que aquele candidato (que é ele próprio) seja eleito, *i.e.*, em (12a), o item “ele” não se refere necessariamente a João, mas a uma terceira pessoa. (12b), por sua vez, é falsa nesse mesmo contexto, pois o pensamento de João não foi *de se* e a sentença com PRO aplica-se somente a leituras/pensamentos *de se*.

As restrições semânticas no uso de PRO, observadas em relação a (12), fornecem argumentos de que essa é uma estrutura que sinaliza, no âmbito sintático, que o discurso de origem, ou seja, o proferimento/pensamento que está sendo reportado, foi *de se*. Devido a esse tipo de condição, é correto afirmar que PRO expõe o caráter da sentença, com indexicais, utilizada no pensamento ou discurso direto, o que contraria a previsão de Kaplan (1989).

Com isso, Schlenker (2003, p.61) argumenta que é possível manter a natureza indexical do discurso direto nos relatos, pois “[...] *PRO in an attitude report can only be interpreted ‘De Se’: roughly, it can be used only in case ‘I’ was used in the original discourse.*”.

Tendo mostrado que há equívoco nas previsões de Kaplan, o próximo passo de Schlenker é mostrar que esses operadores podem mudar o caráter dos indexicais, *i.e.*, podem existir operadores-monstros em língua natural, tópico da próxima seção.

## Os monstros pronominais em outras línguas

Conforme vimos na seção anterior, Schlenker reformula alguns aspectos da teoria kaplaniana em relação aos indexicais, mostrando que algumas afirmações feitas por ela não são inteiramente corretas quando se trata de língua natural. O primeiro passo do autor foi a elaboração, exemplificada pelos casos *de se*, de que é possível encontrar caracteres sob o escopo de operadores de atitude. O passo seguinte é mostrar que é possível que esses operadores existam em língua natural e que atuem sobre o caráter dos indexicais, alterando o contexto de avaliação das expressões. Esse tipo de dado foi encontrado por Schlenker no inglês, no francês e no amárico. Aliados à concepção de Schlenker, Anand e Nevins (2004) e Anand (2006) também argumentam contra a ideia de Kaplan de que as línguas naturais não possuem operadores-monstros. Para provar isso, eles elencam dados do slave e do zazaki. Nesta seção, então, serão apresentados os casos de monstros encontrados no amárico, no slave e em zazaki.

No amárico, língua oficial da Etiópia, há um operador-monstro na situação em (13).

- (13) João Jägna nãNN yt-lall  
João herói eu-sou dizer-3<sup>a</sup>sg.m  
“João<sub>i</sub> disse que eu<sub>i</sub> sou um herói.”

Nesse caso, o operador-monstro é o verbo *dicendi yt-lall; nã*, o indexical de primeira pessoa, está sendo avaliado a partir do contexto que está sendo relatado (c'), pois como Schlenker (2003, p.32) indica, a fórmula lógica da sentença do amárico é: “*SAY* <sub>(John, now, actually)</sub> c<sub>i</sub> *be-a-hero* (agente(c), time(c), world(c))”, na qual c<sub>i</sub> é o contexto que está sendo relatado.

Os operadores-monstros, para Schlenker, podem modificar o contexto de avaliação dos indexicais somente para um contexto reportado. Em outras palavras, os indexicais em língua natural “[...] *depend[s] either on the context of the actual speech act [...] or on the context of the reported speech act.*” (SCHLENKER, 2003, p.32). Portanto, somente quando um indexical, após um verbo de atitude ou de dizer, é avaliado no contexto reportado temos um indexical monstruoso. Esse aspecto vai ser mais bem explorado em seção posterior, em que são comparadas as concepções de operadores-monstros dos diferentes autores.

Anand e Nevins (2004) e Anand (2006) “[...] *argue in line with Schlenker (2003, 1999) that shifting indexicals underneath attitude verbs diagnose the presence of context operators.*” (ANAND, 2006, p.74). Os primeiros dados de indexicais e operadores-monstros apresentados em Anand e Nevins (2004) e Anand (2006) são do zazaki<sup>19</sup> em que um verbo *dicendi* é o operador-monstro que muda o contexto de avaliação de todos os indexicais sob seu escopo. Considere (14):

- (14) Hēseni<sub>i</sub> (mik-ra) va kε εz<sub>j/k</sub> dεwletia  
Hesen (eu-para) disse que eu rico.ser PRES  
“Hesen disse que {eu sou / Hesen é} rico.”

Em (14), o item εz é o indexical de 1<sup>a</sup> pessoa (representa o agente do contexto) que quando está sob o escopo do operador de atitude *va* pode ser avaliado tanto no contexto de proferimento (c\*), e se referir ao falante da sentença, quanto no contexto reportado (c'), e se referir a Hesen, o agente do contexto que está sendo reportado.

---

<sup>19</sup> Zazaki é uma língua indo-iraniana falada na Turquia por 2-6 milhões de curdos.

Dados adicionais de operadores-monstros são levantados no slave<sup>20</sup>. Nessa língua, o conjunto de operadores-monstros é maior, pois engloba os verbos “dizer”, “querer”, “pensar” e “perguntar”. Em (15), “[...] *both embedded pronouns refer to the author and addressee in the embedded context* [...]” (ANAND, 2006, p.77).

(15) [segħa ráwqđ'í]                      séđjdi      yilé  
[1<sup>a</sup>sg-para 2<sup>a</sup>sg-comprar]    2<sup>a</sup>sg-dizer-1<sup>a</sup>sg    PAST  
“Você me disse para eu comprar isso para você.”

Conforme podemos observar nas sentenças do zazaki e do slave, os verbos de atitude modificam o contexto de avaliação dos indexicais. Os exemplos (do mesmo modo que os de Schlenker) mostram que a mudança de contexto se dá sempre de  $c^*$  para  $c'$ , ou seja, do contexto de proferimento para o contexto reportado, apesar de isso não ser afirmado explicitamente por Anand e Nevins (2004) e Anand (2006).

Outro aspecto que mostra que os dados do zazaki e do slave tendem a ter operadores-monstros que modificam o contexto de  $c^*$  para  $c'$  é que a avaliação dos indexicais, segundo os autores, se dá exclusivamente em contextos de fala. Ora, quando restringimos os possíveis contextos de avaliação dos indexicais para contextos de fala, o que temos em mãos são ou contextos de proferimento, ou contextos reportados. Justamente por isso que Anand (2006) argumenta cuidadosamente que os indexicais-monstruosos, resultado da atuação dos operadores-monstros, não são citações totais nem parciais, *i.e.*, não são trechos de discurso direto inseridos em discurso indireto.

O mais importante a se ressaltar acerca dos aspectos tratados nesta seção é que Anand (2006) e Anand e Nevins (2004) compartilham com Schlenker os seguintes aspectos: há monstros em línguas naturais, os operadores de atitude são esses monstros e, além disso, os operadores-monstros modificam o contexto de avaliação dos indexicais do contexto de proferimento para o contexto reportado ( $c^*$  para  $c'$ ).

## **Predelli: os monstros modais e temporais da ficção**

Outro autor que defende a existência e a importância de operadores-monstros e, por isso, busca dados em línguas naturais que promovam esses pontos é Stefano Predelli. No artigo “*Modal monsters and talk about fiction*” (PREDELLI, 2008), o autor apresenta dados de operadores-monstros que atuam sobre indexicais modais e temporais em discursos sobre ficção, *i.e.*, sentenças metaficcionalis. Uma

---

<sup>20</sup> Slave (ou Slavey, Slavé) é uma língua atabascanas falada no noroeste do Canadá por aproximadamente 760 pessoas.

sentença é classificada como metaficcional se ela relaciona contexto ficcional e não-ficcional, e.g., “O *Iron Man* é engraçado”, comentário feito após assistir ao filme *Iron Man*.

Intuitivamente, uma mesma sentença, quando relacionada à ficção e a fatos “reais”, parece não veicular o mesmo significado. Assim sendo, sob um ponto de vista semântico, a sentença (16), adaptada de um exemplo de Predelli (2008), pode ter valores de verdades diferentes quando proferida em situações diferentes.

(16) O Ataque Doolittle<sup>21</sup> decolou em mares calmos.

De acordo com nossa intuição, (16) é considerada verdadeira se alguém, após assistir ao filme *Pearl Harbor*<sup>22</sup>, usá-la para lembrar os detalhes meteorológicos durante o ataque aéreo conforme reportado no filme. No entanto, se (16) for dita durante um debate sobre a história militar dos EUA, ela pode ser considerada falsa, pois o bombardeio ocorreu sob mau tempo.

Predelli (2008) propõe que uma análise semântica adequada de sentenças que podem ter valores de verdade diferentes, quando consideradas em contextos ficcionais e não-ficcionais, só é fornecida quando lançamos mão de uma abordagem com operadores sobre o caráter, os operadores-monstros. Segundo o autor, a sentença em (16), como um comentário sobre o filme, pode ser representada por meio de um operador sentencial que afeta o contexto de avaliação da sentença em que atua – o operador-monstro modal.

Fundamentalmente, a questão que Predelli (2008) procura responder está relacionada à análise semântica mais adequada das diferenças entre os proferimentos de (16) em cada um dos casos descritos acima. Para isso, ele assume que um proferimento é um par formado por uma sentença e um contexto  $\langle s, c \rangle$  e, como o autor foca suas análises nos indexicais *now* e *actually*, o contexto é simplesmente representado como uma tupla –  $\langle c_t, c_w \rangle$  – formada pelo mundo e pelo tempo do contexto. No geral, a ideia de Predelli é que em cada um dos casos, sentenças sobre ficção e não-ficção, haverá uma representação diferente do par “sentença-contexto”.

Para as sentenças metaficcionais, Predelli (2008) propõe a existência de um operador-monstro (FM), que às vezes pode vir representado na superfície por uma locução como “de acordo com a ficção x”. Esse operador é responsável por mudar o mundo do contexto de proferimento ( $c^*$ ) para o mundo do contexto da ficção ( $c_w^\#$ )<sup>23</sup> relevante. Assim sendo, a sentença será avaliada no mundo da ficção ( $w^\#$ ) e terá seu contexto modificado.

---

<sup>21</sup> Ataque Doolittle: bombardeio realizado pelas tropas americanas em direção à costa do Japão em 1942.

<sup>22</sup> Filme americano de 2001 produzido por Jerry Bruckheimer e dirigido por Michael Bay.

<sup>23</sup> Inserimos aqui uma novidade na notação: # sobrescrito às variáveis indica que estamos mencionando um contexto ficcional, e.g.,  $c^\#$  representa um contexto ficcional.

A seguir, apresentamos a definição do operador FM, que é o operador-monstro modal de Predelli (2008) para sentenças metaficcionalis.

$[[FM(\alpha, \phi)]]_{c, w} = V$  sse  $[[\phi]]_{c^\#, w^\#} = V$ , onde  $c^\#$  é como  $c$ , exceto que  $c_w = w^\#$ , e  $w^\#$  é o mundo possível determinado por  $[[\alpha]]_{c, w}$

Para Predelli (2008),  $c$  seria algo como  $\langle c_a, c_h, c_t, c_l, c_w \rangle$  e  $c^\#$  algo como  $\langle c_a, c_h, c_t, c_l, c_w^\# \rangle$ ;  $c$  é diferente de  $c^\#$  justamente porque  $c_w \neq c_w^\#$ ; ou seja,  $c$  e  $c^\#$  são iguais em tudo, menos na coordenada de mundo, que em  $c$  é o mundo do proferimento e em  $c^\#$  é o mundo ficcional (BASSO; TEIXEIRA, 2011, p.150).

Levando em conta o operador-monstro e os arranjos teóricos propostos pelo autor, a sentença (16) será representada como em (16a). Em (16b) temos a representação da sentença como um comentário sobre o filme *Pearl Harbor* (dentro da tupla sentença-contexto) e em (16c) apresentamos uma simplificação de (16b).

(16a) (decolar em mares calmos (Ataque Doolittle))

(16b)  $\langle c^*, FM(Pearl Harbor, \text{decolar em mares calmos (Ataque Doolittle)}) \rangle$

(16c)  $\langle c^*, FM(16) \rangle$

Predelli (2008, p.292) propõe um “[...] *compositional system with a clause containing a sentential operator roughly paraphrasable as ‘according to Pearl Harbor’*”. Assim sendo, através da solução com o operador-monstro chegamos ao resultado desejado, *i.e.*, a sentença é verdadeira.

$[[FM(16a)]]_{c^*, w^*} = V$

sse  $[[\text{decolar em mares calmos (Ataque Doolittle)}]]_{c^\#, w^\#} = V$

sse de acordo com o filme *Pearl Harbor*, o Ataque Doolittle decolou em mares calmos.

Se uma sentença possuir um indexical como “na verdade” (indexical modal, pois atua sobre mundos possíveis), como em (17), que veicula que, de acordo com o filme, Yamamoto estava mais próximo do que os americanos imaginavam, a representação com o operador-monstro será como em (17a).

(17) Embora os americanos pensassem que Yamamoto estivesse longe, **na verdade**, ele estava ao alcance do exército americano.<sup>24</sup>

(17a) FM (na verdade (estar ao alcance (Yamamoto)))

Assim, (17a) é verdadeira

sse  $[[FM(\text{na verdade (estar ao alcance (Yamamoto))}]]]_{c^*, w^*} = V$ ,

<sup>24</sup> Exemplo adaptado de Predelli (2008).

sse [[na verdade (estar ao alcance (Yamamoto))]]]  $c^\#, w^\# = V$ ,

sse [[estar ao alcance (Yamamoto)]]]  $c^\#, w^\# = V$ ,

sse, no filme *Pearl Harbor*, Yamamoto estava mais próximo do que o exército americano supunha.

Com essa abordagem Predelli (2008) argumenta que uma análise com operadores-monstros, mudando o contexto de avaliação dos indexicais modais e temporais (apesar de os últimos não terem sido abordados aqui) em sentenças sobre ficção, dá conta das questões envolvidas na sua interpretação. Segundo ele, se “[...] *considerations in favor of the role for modal monsters in the analysis of certain phenomena are correct, the arguments put forth [by] Kaplan must be unsound.*” (PREDELLI, 2008, p.295).

## O Português Brasileiro e os seus monstros

Nesta seção, apresentaremos dados de operadores-monstros e indexicais monstrosos encontrados no PB e analisados em Basso e Teixeira (2011), Teixeira (2012) e Teixeira e Basso (2013). Essa última série de exemplos arremata a argumentação a favor da existência de monstros em língua natural, mostrando que esses elementos estão presentes nas mais diferentes famílias linguísticas. Tendo finalizado esse apanhado, na seção seguinte analisaremos qual a definição mais adequada de operador-monstro, verificando os conceitos oferecidos pelos autores que trataram e defenderam os operadores-monstros.

### a) Monstros no domínio temporal

Os primeiros casos do PB abordados são de operadores-monstros que interferem no caráter dos indexicais temporais, ou seja, que atuam sobre a coordenada de tempo do contexto. Para observar como eles se comportam, considere a situação em (18) e a sentença em (18a)<sup>25</sup>:

(18) **Situação:** O João deve 2 mil reais à Maria há mais de 3 anos. Toda vez que ele a encontra, ele repete a mesma promessa: “Eu vou devolver o teu dinheiro em dois dias”. Só que o pagamento nunca acontece. A Maria relata essa triste situação a uma amiga usando (18a).

(18a) O João tem me dito, ao longo dos anos, que devolverá meu dinheiro **em dois dias**<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> Exemplos semelhantes, com dados do inglês e do francês, são tratados por Schlenker (2003, 2011).

<sup>26</sup> Esclarecemos, conforme sugestão de parecerista anônimo, que, formalmente, duas interpretações da sentença (18a) são resultado de ambiguidades nas relações de escopo entre o operador-monstro (verbo *dicendi*) e o

Uma interpretação possível para (18a) é aquela em que a expressão indexical temporal “em dois dias” tem seu referente determinado em relação aos proferimentos do João. Sendo assim, esse termo é avaliado em relação ao tempo do contexto reportado (c') e o verbo de dizer é um operador-monstro que pode modificar o contexto dos indexicais sob seu escopo (de c\* para c'). Nessa interpretação, (18a) veicula algo como “Sempre que encontro o João ele me diz: ‘vou devolver teu dinheiro em dois dias’”.

Recapitulando o processo ocorrido em (18a), a operação de mudança de contexto proporcionada pelo verbo *dicendi* só é possível porque, como foi visto nas seções anteriores e contrariando a teoria kaplaniana, “dizer” pode ter caracteres sob seu escopo e, além disso, pode operar sobre esses elementos do significado, mudando o contexto em que eles recebem seus valores semânticos. Aqui houve mudança no âmbito dos contextos de fala – de um contexto de proferimento (c\*) para um contexto reportado (c').

## b) Monstros no domínio espacial

Apresentamos, nesta seção, um caso do PB em que o operador-monstro atua sobre indexicais de outro domínio – o domínio de localização do contexto. Para isso, considere a situação em (19) e a sentença em (19a).

(19) **Situação:** Maria mora com os pais em São Carlos, e seu irmão, João, mora em Porto Alegre. Ao menos uma vez por semana o João liga para a Maria para dar notícias. Maria conversa com a sua mãe sobre seu irmão e profere a seguinte sentença:

(19a) O João tem me dito, toda vez que me liga de Porto Alegre, que **tá chovendo**.

Em (19a), assim como em (18a), o verbo de dizer é o operador-monstro que interfere no caráter do indexical sob seu escopo. Sendo assim, uma sentença como (19a) gera uma interpretação que pode ser parafraseada adequadamente por (19b), e não por (20).

(19b) O João tem me dito, toda vez que me liga de Porto Alegre, que **tá chovendo em Porto Alegre**.

---

indexical (em dois dias). Um dos argumentos de Kaplan (1989) para negar a existência de monstros em línguas naturais é fundado no fato de que os indexicais sempre têm escopo primário e, por isso, operadores não podem atuar sobre seus contextos de avaliação (tornando-os modificados). Por isso, para o caso em que “em dois dias” é avaliado em relação ao contexto proferimento da sentença (c\*) (o indexical não é modificado e o verbo não é um monstro), o indexical tem escopo primário sobre o verbo *dicendi*. Para o caso em que o verbo *dicendi* é um operador-monstro, o indexical tem escopo estreito e, por isso, tem seu contexto de avaliação modificado para c' (o contexto reportado). Logo, a ambiguidade de leitura da sentença em (18a) é resultado de ambiguidades nas relações de escopo entre o verbo *dicendi* (dizer) e o indexical (em dois dias).

(20) O João tem me dito, toda vez que me liga de Porto Alegre, que tá chovendo **em São Carlos**.

(20) não é uma paráfrase adequada da interpretação de (19a), porque explicita uma leitura em que o predicado “chover” é avaliado em relação à localização do contexto de proferimento, *i.e.*, no local em que Maria profere a sentença (em São Carlos =  $c^*$ ). Em outras palavras, se assumirmos que o verbo “chover” é um indexical que exige uma informação de localização ( $c_1$ ), então (19a) deve ser avaliada em relação ao contexto reportado (Porto Alegre =  $c'$ ) – sendo interpretada de acordo com a paráfrase em (19b).

Nessa situação, temos um indexical espacial monstruoso que está sofrendo uma mudança de contexto pela atuação do operador-monstro “dizer”, *i.e.*, o predicado “chover” é avaliado em relação ao local do contexto reportado ( $c'$ ), e não em relação ao contexto de proferimento ( $c^*_1$ )<sup>27</sup>.

Nos dois casos de monstros discutidos até então, observamos que o operador-monstro “dizer” produz uma mudança de  $c^*$  para  $c'$ . Por consequência, os indexicais monstruosos “em dois dias” (indexical temporal) e os predicados meteorológicos (indexicais espaciais) têm seus valores semânticos determinados no contexto reportado e não no contexto de proferimento. Na seção seguinte, serão apresentados monstros ligeiramente diferentes dos tratados até aqui.

### **c) Monstros no domínio de pessoa**

Conforme adiantamos, trataremos, neste momento, de casos que não seguem os moldes dos monstros que analisamos acima. As principais diferenças são as seguintes: (i) não temos um verbo *dicendi* como um operador-monstro; (ii) os indexicais atingidos pelo operador-monstro não são avaliados no contexto reportado; (iii) temos somente um contexto de fala presente, naturalmente, o contexto em que a sentença é proferida e (iv) temos um contexto ficcional ( $c^\#$ ) envolvido.

Antes de seguirmos para as análises, devemos mencionar que as sentenças que são objeto desta seção são as denominadas “sentenças metaficcionalis”, já tratadas na seção que apresenta a abordagem de Predelli. Feitas essas ressalvas, considere a situação em (21) e a sentença metaficcional em (21a)

(21) **Situação:** imagine que, ao fim de uma peça de teatro, chamada *Maria vai com as outras*, uma repórter entrevista uma atriz, Ana, que interpreta a personagem

---

<sup>27</sup> Os verbos meteorológicos colocam questões extremamente complexas para a semântica e para a filosofia, e uma saída indexical para alguns desses problemas está longe de ser consensual. Nosso único ponto é que, se tal saída for adotada, encontraremos situações em que um operador-monstro se faz presente, como é o caso de (18). Recanati (2007) trata dos problemas e das alternativas que envolvem os verbos meteorológicos.

Maria na peça. A repórter faz a seguinte pergunta à atriz: “O que você acha que poderia ser feito para que a peça fosse mais engraçada?”. Ao que Ana responde com a sentença (21a).

(21a) **Eu** acho que **eu** podia ser rica.

Uma das interpretações dessa sentença se dá com monstros e pode ser parafraseada adequadamente por (22). Na sequência, apresentamos uma estrutura em que os diferentes contextos mobilizados na interpretação dos indexicais estão explicitados.

(22) Ana acha que Maria podia ser rica.

(23) **Eu**(c\*) acho que **eu**(c#) podia ser rica<sup>28</sup>.

No contexto não-ficcional (c\*), o indexical “eu” tem como referente a Ana; no contexto ficcional (c#), o segundo item indexical tem a personagem Maria como referente. Em outras palavras, a primeira ocorrência de “eu” se refere à Ana, como falante do contexto c\*, já o segundo “eu” faz referência ao contexto ficcional e à personagem interpretada pela Ana na peça (Maria). Cabe ressaltar que o primeiro indexical é avaliado num contexto de fala, mas o segundo não, e, por conta disso, não se pode dizer que o segundo “eu” representa o falante daquele contexto. Apesar de na literatura sobre indexicais, muitas vezes, “agente do contexto” e “falante do contexto” serem considerados termos equivalentes, para (21a) esse não é o caso.

Outro aspecto a se observar em (21a) é que o trabalho de operador-monstro não é desempenhado pelo verbo de atitude (ou, melhor dizendo, não só pelo verbo

---

<sup>28</sup> Foi sugerido, por parecerista anônimo, que o fato de as duas ocorrências do indexical “eu” terem referências distintas poderia ser atribuído: (i) à interpretação dos indexicais ser dependente de mundos possíveis e (ii) a um contexto modal criado pelo imperfeito em “podia”. Inicialmente, esclarecemos que os indexicais precisam de estruturas mais finas (menores) do que mundos possíveis para serem avaliados – como os contextos kaplanianos. Um exemplo simples que mostra isso é discutido a seguir (vários exemplos são apresentados na literatura, um dos mais famosos versa sobre Lingens, um homem perdido na biblioteca de Stanford, e é devido a Perry (1993) e a Lewis (1983)): se João e Maria proferem a sentença (s) “**Eu** sou mulher” no mesmo mundo, digamos o mundo w1, teremos dificuldades em atribuir um valor semântico ao indexical, e também à proposição veiculada pela sentença, pois não há como distinguir os proferimentos. Para fazermos isso, então, precisamos lançar mão de estruturas menores que modelem esses significados, como os contextos. Por exemplo, Maria profere s em c1 e João em c2. A partir disso, para “**Eu** sou mulher”, dita por Maria, “eu” = Maria e s é V em c1 e w1, já em “**Eu** sou mulher”, dita por João, “eu” = João e s é F em c2 e w1. Logo, num mesmo mundo possível, w1, há dois contextos, c1 e c2 (detalhes em BASSO; TEIXEIRA; VOGT (2012)), o que permite que uma sentença como s, com indexicais, seja modelada adequadamente. Em relação à afirmação em (ii), se a mudança fosse de total responsabilidade do verbo modal, então, poderíamos esperar que numa sentença como “**Eu** acho que **eu** podia tomar um chopp antes da peça” (em que não há um operador metaficcional), no contexto (21), ocorresse uma interpretação similar àquela representada em (23), e dois referentes distintos para os indexicais “eu”. No entanto, não é essa a interpretação obtida, pois o modal + o verbo de atitude não conseguem fazer a mudança contextual; argumentamos, portanto, que a presença do operador metaficcional é necessária.

de atitude). O operador de atitude, de modo geral, funciona como uma fronteira entre contextos e o operador metaficcional (FM<sup>#</sup>, BASSO; TEIXEIRA, 2011) que proporciona a mudança para o contexto ficcional, a fim de que a fixação do valor do indexical “eu” ocorra. Por conta desse processo, FM<sup>#</sup> é o operador-monstro da sentença em (21a).

Aqui se mostra uma das incompatibilidades entre as ideias que Schlenker apresenta e os dados do PB, pois para Schlenker (2003, p.32) “[...] *an attitude report manipulates a context variable, whose value may fix the reference of indexicals that appear in its scope*”. No entanto, na sentença (21a) “achar (que)” não exerce essa função, pois o operador de atitude não fixa a referência dos indexicais, ele somente demarca a linha entre os contextos ficcional e o não-ficcional. O papel de fixar o valor do referente no mundo/contexto ficcional da peça é feito pelo operador-monstro FM<sup>#</sup>.

Note que a função de FM<sup>#</sup> como o operador responsável pela mudança no contexto é explicitada quando introduzimos a locução que materializa o trabalho do operador-monstro na sentença, considere (24).

(24) **Eu** acho que, na peça *Maria vai com as outras*, **eu** podia ser rica.

Observamos que, em (24), é a locução “na peça *Maria vai com as outras*” (FM<sup>#</sup> pronunciado) que controla a variável de contexto e, por isso, fixa o valor semântico dos indexicais que aparecem sob seu escopo. Nesse caso, na peça de teatro relevante.

Formalmente, o operador-monstro proposto por Basso e Teixeira (2011) muito se assemelha ao de Predelli (2008), porém, ao invés de mudar apenas a coordenada de mundo e de tempo do contexto, pode, em princípio, mudar outras coordenadas, como a de agente (c<sub>a</sub>).

$[[FM^{\#}(\alpha, \varphi)]_{c, w} = V$  sse  $[[\varphi]]_{c^{\#}, w^{\#}} = V$ , onde  $c^{\#}$  é como  $c$ , exceto que (i)  $c_w = w^{\#}$ , e  $w^{\#}$  é o mundo possível determinado por  $[[\alpha]]_{c, w}$ , e (ii)  $K(c^{\#})$ , onde  $K$  é alguma coordenada do contexto ficcional relevante (como  $c_a, c_h, c_t$ , etc.).

Com FM<sup>#</sup> o mundo do contexto é o mundo estabelecido pela ficção. Contudo, as outras coordenadas contextuais (relevantes) podem ser também modificadas, e nesses casos são as coordenadas do contexto ficcional que são utilizadas para a fixação do valor de indexicais. O operador-monstro permite mobilizar o contexto ficcional  $c^{\#}$  para fixar o valor do segundo “eu” da sentença (21a), alcançando o resultado semântico correto para os indexicais, que é, respectivamente, Ana e Maria.

## Noção de monstros adequada para os dados de língua natural

Nesta seção, levando em conta todos os dados reunidos até aqui, e principalmente os que concernem o PB, vamos apresentar as concepções de operadores-monstros que os autores que citamos defendem. Essas concepções podem ser verificadas implicitamente pelos exemplos e análises que eles apresentam ou explicitamente através das próprias definições providas por eles. A partir disso, analisaremos os conceitos apresentados e verificaremos qual(ais) deles é(são) adequados para os dados de língua natural.

Antes de fazermos isso vamos rerepresentar os dados dos autores no seguinte quadro-resumo para facilitar a visualização do que temos em mãos.

**Quadro 1** – Resumo da literatura

<b>Autores</b>	<b>Línguas</b>	<b>Operadores-monstros</b>	<b>Observações</b>
Kaplan (1989)	Inglês	Não há em língua natural.	Operadores-monstros modificam o caráter dos indexicais.
Schlenker (1999, 2003, 2011)	inglês amárico	<i>tell</i> <i>yt-lall</i>	Operadores-monstros atuam sobre contextos de fala. A mudança ocorre de $c^*$ para $c'$ .
Anand e Nevins (2004); Anand (2006)	zazaki slave	<i>va</i> <i>sédidi</i>	Operadores atuam sobre contexto de fala. A mudança ocorre de $c^*$ para $c'$ .
Predelli (2008)	Inglês	FM	Operadores atuam sobre o caráter. A mudança ocorre de $c^*$ para $c^\#$ para os indexicais modais e temporais.
Basso e Teixeira (2011); Teixeira (2012); Teixeira e Basso (2013)	PB	dizer $FM^\# +$ achar	A mudança ocorre: (i) de $c^*$ para $c'$ ; (ii) de $c^*$ para $c^\#$ .

**Fonte:** Elaboração própria.

Ao observar o quadro, nota-se que as línguas naturais têm instâncias de operadores-monstros que atuam somente sobre contextos de fala e instâncias que atuam sobre um contexto de fala e um outro de natureza diversa. Em outros termos,

pelos exemplos apresentados, os operadores-monstros mudam o caráter dos indexicais, e essa mudança decorre de duas maneiras diferentes: (i) do contexto de proferimento para o contexto reportado; (ii) do contexto de proferimento para o contexto ficcional.

A partir disso, é necessário que o conceito de operador-monstro seja abrangente o suficiente para incluir os diferentes contextos ( $c^*$ ,  $c'$ ,  $c^\#$ ) em que os indexicais se fixam. Com o intuito de verificar qual definição de operador-monstro é a mais adequada, comparamos as concepções oferecidas pelos autores arrolados até aqui; quando esse conceito não é claramente definido, tentamos captar suas ideias com base nos exemplos que eles analisam e os contextos que aparecem nessas análises.

Começamos com Kaplan (1989, p.511), que apesar de negar a existência de operadores-monstros em língua natural, oferece uma concepção desse tipo de elemento como: “*Operators [...] which attempt to meddle with character [...]*”. Podemos descrever esse tipo de definição como a concepção ampla de monstros, já que não há nenhuma restrição quanto aos contextos de atuação dos operadores-monstros, basta que os indexicais sejam fixados num contexto  $c$  desde que  $c \neq c^*$ .

Em relação a Schlenker (1999, 2003, 2011), a definição de operadores-monstros é bem mais restritiva, pois segundo ele um indexical “*depend[s] either on the context of the actual speech act [...] or on the context of the reported speech act.*” (SCHLENKER, 2003, p.32), *i.e.*, um operador-monstro só é capaz de modificar o contexto de avaliação dos indexicais de um contexto de proferimento para um contexto de reportado. Desse modo, a atuação dos operadores-monstros é restrita a dois tipos de contextos – dois contextos de fala.

Anand e Nevins (2004) e Anand (2006) não apresentam um conceito explícito de operador-monstro, mas ao observarmos seus exemplos e as análises que fazem dos operadores-monstros do *slave* e do *zazaki*, vemos que os indexicais, quando estão sob o escopo dos monstros, sempre têm seu contexto de avaliação modificado de  $c^*$  para  $c'$ . Observamos que os autores trabalham somente com contextos de fala através da seguinte citação: “*for any two shiftable indexicals  $ind1$  and  $ind2$  in a domain  $D$ ,  $ind1$  may be dependent on speech-context  $C_A$  different from  $ind2$ 's speech-context only if  $ind2$  is not  $c$ -commanded by  $C_A$ .*” (ANAND, 2006, p.107, grifo nosso). Além de essa citação deixar claro que somente contextos de fala estão envolvidos na avaliação dos indexicais (por consequência,  $c^*$  e  $c'$ ), não há exemplos em que o operador-monstro muda o contexto dos indexicais para outro contexto que não seja um contexto de fala reportada. Por conta disso, podemos colocar Anand e Nevins (2004) e Anand (2006) no grupo de autores que defende a concepção restrita de operadores-monstros, assim como Schlenker.

Predelli (2008, p.277), por sua vez, apresenta uma visão similar à visão de Kaplan em relação aos operadores-monstros, pois para ele o tratamento semântico apropriado para as sentenças metaficcionalis passa pelos “*operators on character*”. No entanto, ele acaba restringindo o alcance dos operadores-monstros, pois afirma que eles são “[...] *modal (and temporal) operators on character, that is, in the current jargon, modal (and temporal) monsters*.” Apesar da restrição de atuação dos operadores-monstros sobre o tipo de indexical (modal e temporal), a concepção de Predelli (2008) se aproxima da concepção ampla de operadores-monstros dada por Kaplan (1989), porque ela não restringe os contextos de atuação dos monstros. Isso decorre, principalmente, porque nos casos analisados por ele os operadores-monstros mudam o contexto de avaliação de  $c^*$  para  $c^\#$ . Nesse caso, ao contrário das situações analisadas por Schlenker (1999, 2003, 2011), Anand e Nevins (2004) e Anand (2006), não estão em jogo dois contextos de fala.

Finalmente, Basso e Teixeira (2011), Teixeira (2012) e Teixeira e Basso (2013) defendem uma concepção de operadores-monstros que segue a linha daquela proposta por Kaplan. Isso se dá porque reunimos dados do PB que mostram que os indexicais, em geral, podem depender do contexto de proferimento, do contexto reportado e do contexto ficcional ( $c^*$ ,  $c'$ ,  $c^\#$ ). Assim sendo, um operador-monstro pode mudar o contexto de avaliação dos indexicais do contexto de proferimento: ou para o contexto reportado ou para o contexto ficcional.

Se levarmos isso em conta, a concepção de Schlenker, e daqueles que a seguem, se mostra restritiva demais principalmente para os casos das sentenças metaficcionalis, porque o autor só oferece o  $c'$  para a fixação dos indexicais modificados pelo operador-monstro e, nas sentenças como (21a), é necessário um contexto ficcional ( $c^\#$ ). Assim sendo, se compararmos a concepção de monstros (operadores e indexicais) de Schlenker à de Kaplan (1989), podemos afirmar que a primeira é limitadora, enquanto a de Kaplan é abrangente. Qual delas, então, seria a melhor?

Por conta do comportamento particular dos monstros nas sentenças metaficcionalis, o conceito de monstro apresentado por Schlenker, a nosso ver, é muito restrito. Por causa dessa limitação, descartamos essa concepção, afinal ela não atende a todos os casos de monstros do PB. O conceito de monstros apresentado por Kaplan (1989) (exposto na segunda seção), por sua vez, é amplo o suficiente para abarcar os monstros encontrados na sentença (21a) e todas as outras sentenças de todas as línguas aqui apresentadas. Portanto, para os casos que analisamos a concepção de monstros apresentada por Kaplan (1989) é a que mais se ajusta aos dados.

## Conclusão

Tendo verificado os conceitos e dados de monstros (indexicais e operadores) que autores como Kaplan (1989), Schlenker (1999, 2003, 2011), Anand (2006), Anand e Nevins (2004), Predelli (2008), Basso e Teixeira (2011), Teixeira (2012) e Teixeira e Basso (2013) apresentaram para as mais diversas línguas, dentre elas o PB, é possível afirmar que:

- (i) há (pelo menos) três tipos de contextos em que um indexical (monstro ou não) pode ser avaliado em língua natural: contexto de proferimento, contexto reportado e contexto ficcional ( $c^*$ ,  $c'$ ,  $c^\#$ );
- (ii) há dois conceitos de operadores-monstros em jogo: (a) o conceito de operador-monstro de Schlenker (1999, 2003, 2011) que é tão restrito que indica que o monstro só é capaz de mudar o contexto de avaliação dos indexicais para o contexto reportado ( $c'$ ) e (b) a ideia de monstros de Kaplan (1989) é tão ampla que não restringe a um ou outro contexto a avaliação dos indexicais.

Dentre uma proposta tão restrita como a de Schlenker e uma ampla como a de Kaplan, há argumentos suficientes para defender que o conceito de monstro que mais se ajusta é o de Kaplan. Conforme vimos, a concepção do autor não limita a avaliação dos indexicais monstruosos a certos contextos, pois um operador-monstro é, simplesmente, uma estrutura que é capaz de mudar o contexto (o caráter) dos indexicais.

Logo, Kaplan (1989), apesar de não aceitar que existam monstros em línguas naturais, apresenta o conceito de operadores-monstros mais adequado às línguas naturais, dando conta de todos os dados apresentados.

TEIXEIRA, L. R.; BASSO, R. M. Defining a monster-operator. *Alfa*, São Paulo, v.59, n.2, p.309-334, 2015.

- **ABSTRACT:** *This article reviews the literature related to a particular kind of operator present in natural languages, i.e. the “monster operator”. This operator can shift the context of evaluation of indexicals in its scope. Kaplan (1989) initially denied its existence, but later authors, such as Schlenker (2003) and Anand (2006), argue that such operators do exist in natural languages. However, throughout the literature, we see different definitions of that operator. In this paper, after we introduce the concept of monster operator and defend its existence based on data from the Brazilian Portuguese, we argue in favor of a definition that is wider, similar to that first one proposed by Kaplan (1989). Data from the Brazilian Portuguese will be crucial to defending our position.*
- **KEYWORDS:** *Semantics. Indexicals. Monsters operators. Context shifting.*

## REFERÊNCIAS

- ANAND, P. **De De Se**. 2006. 250f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.
- ANAND, P.; NEVINS, A. Shifty Operators in Changing Contexts. In.: YOUNG, R. (Ed.). **Proceedings of Semantics and Linguistic Theory XIV**. Ithaca: CLC Publications: Cornell University, 2004. p.20-37.
- BASSO, R. M.; TEIXEIRA, L. R. Monstros no discurso (meta)ficcional. **Revista Letras**, Curitiba, v.83, p.133-162, 2011.
- BASSO, R. M.; TEIXEIRA, L.; VOGT, D. R. Indexicais. In: CRUZ, R. T. da. (Org.). **As interfaces da gramática**. Curitiba: CRV, 2012. 1 v. p.53-72.
- BRANQUINHO, J.; MURCHO, D.; GOMES, N. G. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- KAPLAN, D. Demonstratives: An Essay on the Semantics, Logic, Metaphysics, and Epistemology of Demonstratives and Other Indexicals. In: ALMOG, J.; PERRY, J.; WETTSTEIN, H. (Ed.). **Themes from Kaplan**. New York: Oxford University Press, 1989. p.481-563.
- KRIPKE, S. **Naming and Necessity**. Boston: Harvard University Press, 1980.
- LEWIS, D. **Philosophical Papers I**. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- LEWIS, D. Attitudes De dicto and De se. **The Philosophical Review**, Durham, v.88, p.513-543, 1979.
- PERRY, J. **The Problem of the Essential Indexical and Other Essays**. New York: Oxford University Press, 1993.
- PREDELLI, S. Modal Monsters and Talk about Fiction. **Journal of Philosophical Logic**, Dordrecht, v.37, p.277-297, 2008.
- RECANATI, F. It is Raining (Somewhere). **Linguistics and Philosophy**, Dordrecht, v.30, p.123-146, 2007.
- SCHLENKER, P. Indexicality and De Se Reports. In.: HEUSINGER, K. V.; MAIENBORN, C.; PORTNER, P. (Ed.). **Semantics: an International Handbook of Natural Language Meaning**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. 2v. p.1561-1604.
- SCHLENKER, P. A Plea for Monsters. **Linguistics and Philosophy**, Dordrecht, v.26, p.29-120, 2003.
- SCHLENKER, P. **Propositional Attitudes and Indexicality**: a Cross-Categorical Approach. 1999. 209f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1999.

TEIXEIRA, L. R. **Indexicais e operadores-monstros no Português Brasileiro**. 2012. 149f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

TEIXEIRA, L. R.; BASSO, R. M. Verbos meteorológicos, indexicais e monstros espaciais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.55, n.2, p.107-127, 2013.

Recebido em março de 2014

Aprovado em julho de 2014